



## A Prosopopeia de Bento Teixeira: Estrutura, religião e crítica.

Francisco Benedito Leite<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio tem como objetivo realizar uma sucinta apresentação do texto intitulado Prosopopeia, o qual tem um papel fundamental na história da literatura brasileira por ser considerado a primeira obra literária escrita em solo brasileiro, se bem que, apesar disso, foi escrita por um autor português. Sua classificação, como epílio dá-se porque esse termo é o diminutivo de épica, gênero sob o qual foi escrita a grande narrativa mitológica da Lusitânia, *Os Lusíadas*. O autor do epílio, Bento Teixeira, supostamente, pretende ironizar a fundação da nova nação com a escritura de seu poemeto que parece uma paródia de outras obras do gênero épica. Ao longo do artigo, verificaremos as características históricas, literárias e formais. Além disso, também observaremos os aspectos religiosos que estruturam o poema e também aqueles internos. Por fim, realizar-se-á um análise do poema a partir da Poética de Aristóteles seguida por um comentário crítico a partir de conceitos dos filólogos Bakhtin e Auerbach.

**Palavras-chave:** *Prosopopeia*, epílio, poemeto, Poética, Retórica.

## The Prosopopea of Bento Teixeira: Structure, religion and criticism

**Abstract:** This essay aims to make a succinct presentation of the text entitled Prosopopeia, which has a fundamental role in the history of Brazilian literature for being considered the first literary work written on Brazilian soil, although, despite this, it was written by a Portuguese author. Its classification as epilium is given because this term is the diminutive of epic, genre under which the great mythological narrative of Lusitania, *Os Lusíadas*, was written. The author of the epílio, Bento Teixeira, supposedly intends to mock the founding of the new nation with the writing of his poem that looks like a parody of other works of the epic genre. Throughout the article, we will verify the historical, literary and formal characteristics. In addition, we will also observe the religious aspects that structure the poem and also the internal ones. Finally, an analysis of the poem will be carried out based on Aristotle's Poetics followed by a critical commentary based on concepts of the philologists Bakhtin and Auerbach.

**Keywords:** *Prosopopeia*, epileus, poem, Poetics, Rhetoric.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Pós-Doutorado pela PUC-Campinas



## Introdução

O presente ensaio é uma proposta de leitura do texto *Prosopopeia* de Bento Teixeira. Como indicaremos, a qualidade literária dessa obra foi severamente criticada por motivos que a nosso ver parecem estar relacionados com a falta de compreensão dos críticos, os quais não entenderam sua ironia e tomaram como parâmetro de julgamento os critérios da poética clássica que se aplicam ao gênero épico.

A primeira parte do ensaio é a apresentação da obra contendo uma sugestão da compreensão de sua estrutura, além de informações elementares sobre o lugar e a época em que foi redigida, assim como algumas observações sobre seu personagem principal, que também possui referência histórica na realidade concreta do século XVI. Os artigos de Adma Fadul Muhama e Guilherme Amaral Luz foram fundamentais para fornecer a história da leitura do texto, assim como informações do contexto histórico-cultural que permitiu seu surgimento.

Em segundo lugar, são expostos os aspectos religiosos relacionados com a forma e o conteúdo do poema, nos quais se destacam os elementos pagãos trazidos da Antiguidade Clássica, uma vez que seu contexto cultural era o Renascimento. Também são expostos os elementos da cultura católica contra-reformada relacionada com a vida do autor latente no texto.

A seguir, na segunda parte do ensaio, propomos uma leitura crítica de seu conteúdo, apresentando algumas sugestões para uma nova compreensão de *Prosopopeia*, não mais como uma epopeia malsucedida, mas sim, como uma deliberada paródia. Para chegar a tal possibilidade de leitura, baseamo-nos no conceito de “mímesis” de Erich Auerbach e no conceito de “sério-cômico” de Mikhail Bakhtin.

O objetivo do ensaio é abrir novas possibilidades de leitura para um texto que pode ser compreendido como fundamental para a literatura brasileira, assim como propor novos subsídios teóricos para sua interpretação e valorização para seu conteúdo como uma expressão irônica mal compreendida pelos críticos.



## 1. Apresentação do poema *Prosopopeia*

O poema *Prosopopeia* foi editado em 1601, em Lisboa, na tipografia de Antônio Álvares, mas sua redação ocorreu aproximadamente entre 1587 e 1592, em Pernambuco (MUHAMA, 2005, p.151). Conforme Guilherme do Amaral Luz (2008), nessa edição o poema vinha acompanhado do relato de um naufrágio pelo qual Jorge d'Albuquerque Coelho passou em 1565. Assim notamos que dois textos distintos, escritos por diferentes autores e em épocas diferentes estavam reunidos por causa da mesma personagem que figurava em ambos os textos, pois também a *Prosopopeia* é dedicada a Jorge d'Albuquerque Coelho e por isso narra suas virtudes (LUZ, 2008, p.201-202).

Bento Teixeira, um ex-mestre de gramática que fazia gala de conhecer Ovídio e Virgílio (MUHAMA, 2005, p.153), foi autor do poema, era português e se especula que tenha tido descendência judaica com base na análise de um processo inquisitorial pelo qual passou e acabou por ser condenado à morte em 1600. Apesar de alguma relação com a comunidade judaica, os estudiosos chegaram à conclusão de que não há nada no processo ou no poema que leve à conclusão de que o poeta era, de fato, judeu. Ao contrário disso, é evidente que esteja relacionado com o cristianismo contra-reformado, como podemos observar na Estância IV, quando apresenta o desejo de vitória sobre os “Luteranos”.

Jorge d'Albuquerque Coelho, a quem o poeta dirige a dedicatória presente no prólogo e nas Estâncias de III a VI, também é o personagem da narração e assim é ele quem efetua as ações virtuosas da épica – uma vez que, conforme Aristóteles (*Poética*, XXIII), o gênero épico narra ‘uma’ ação.

Na verdade, a narração é da ação dos Albuquerque, pois as Estâncias de XXVI a XLIII narram a dominação dos indígenas de Pernambuco por Jerônimo de Albuquerque e seus sobrinhos Jorge d'Albuquerque Coelho e Duarte Coelho de Albuquerque (MUHAMA, p.155). Esses eram os donatários de Pernambuco, Jorge era o primeiro e por isso seu nome figura no prólogo.

Vejamos a menção a Jorge d'Albuquerque conforme está no texto:



E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta  
a Estirpe d'Albuquerque excelente,  
e cujo eco da fama corre e salta  
do Carro Glacial à Zona ardente,  
suspendei por agora a mente alta  
dos casos vários da Olindesa gente,  
e vereis vosso irmão e vós supremo  
no valor abater Querino e Remo. (estrofe III)

Por outro lado, se verificarmos o conteúdo da *Prosopopeia* por meio da *Retórica* de Aristóteles e não mais através da *Poética*, dado que há algo de híbrido em seu gênero, poderemos então classificá-la como um "discurso demonstrativo" e estruturá-la da seguinte forma:

- I- Proposição;
- II - Invocação;
- III – VI- Dedicatória;
- VII – XCIII- Narração;
- XCIV- Epílogo.

De acordo com o conteúdo do poema, a narração pode ser dividida do seguinte modo:

- VII–XXI - Apresentação do *locus*:
  - VII–XVI - Espaço marinho
  - XVII–XXI - Barra do Recife;
- XXII–XCIII - Canto de Proteu:
  - XXII–XXV - Proposição, invocação, dedicatória;
  - XVI–XLIII - Dominação dos indígenas de Pernambuco;
  - XLIV–LXVIII - Desventura marítima sofrida por Jorge de Albuquerque;
  - LXIX–XCIII – Participação dos irmãos Albuquerque na batalha de Alcer-Quibur.

Com base na estruturação apresentada acima vemos que o poema segue uma ordem de acordo com os cânones clássicos, pois após o proêmio (*capitatio benevolentiae*), a invocação (nesse caso, ao invés de se invocar às musas, invoca-se Proteu, algo incomum) e a dedicatória (a Jorge d'Albuquerque Coelho), inicia-se o canto de Proteu (narração das ações de excelência dos



Albuquerque) e, para finalizar, um breve epílogo.

O proêmio, escrito em prosa, como era de se esperar, apresenta algo fundamental para compreensão da proposta poética, o Brasil como "Nova Lusitânia". A importância disso está na relação do gênero épico com a fundação de uma nação, aqui claramente manifesta. Ainda no proêmio, o poeta mostra sua erudição ao citar uma figura proposta por Horácio (poetas são como pintores), mas demonstra sua modéstia ao apresentar sua composição como um rascunho e ao oferecê-la humildemente ao governador.

A invocação apresenta uma novidade no conteúdo, porque não se dirige às musas, mas sim a Proteu, um deus; mas, por outro lado, a forma não apresenta nenhuma particularidade em vista dos demais poemas de mesmo gênero.

As Dêlficas irmãos chamar não quero,  
que tal invocação é vão estudo;  
aquele chamo só, de quem espero  
a vida que se espera em fim de tudo.  
Ele fará meu Verso tão sincero,  
quanto fora sem ele tosco e rudo,  
que por razão negar não deve o menos  
quem deu o mais a míseros terrenos. (estrofe II)

Nessa passagem as musas são rejeitadas e Proteu só é mencionado abaixo:

Vem o velho Proteu, que vaticina  
(se fé damos à velha antiguidade)  
os males a que a sorte nos destina,  
nascidos da mortal temeridade.  
Vem numa e noutra forma peregrina,  
mudando a natural propriedade.  
Não troque a forma, venha confiado,  
se não quer de Aristeu ser sojigado. (estrofe XV)

Do mesmo modo, a dedicatória não apresenta novidades, dirige-se ao governador da Nova Lusitânia, porque não há rei em Portugal a quem se possa dirigir.

Na narração há, em primeiro lugar, a apresentação do *locus*, primeiro o



espaço marinho, depois a Barra do Recife. No entanto, o canto de Proteu – que se inicia a seguir – é a parte mais substancial do poema. Existe a hipótese de que esse texto possa ter circulado isoladamente e que todo o restante seja um conjunto de acréscimos posteriores. Embora saibamos da importância de tal hipótese, não temos condições de entrar no mérito dessa questão no presente momento, pois seria necessário um estudo filológico específico para tratar adequadamente desse assunto.

Em seu "canto", Proteu 'profetiza' a excelência de Jorge d'Albuquerque Coelho em três episódios: ao narrar sua dominação dos indígenas de Pernambuco, ao narrar sua confiança em Deus em meio a desventuras marítimas, e ao narrar sua participação na batalha de Alcer-Quibur. Assim como Enéias, Jorge d'Albuquerque Coelho é exemplo de excelência em piedade e em campo militar.

Por fim, o epílogo também segue as normas convencionais da epopeia, com uma diferença de conteúdo que merece ser observada. O poeta confessa que seu texto é um exercício justamente quando se esperava que ele se despedisse e comovesse seu destinatário. Uma atitude não convencional, mas que se relaciona com o prólogo, pois o poeta já havia afirmado que sua composição seria um rascunho.

## **2. Elementos religiosos**

Ainda que esse poema esteja repleto de hibridismos característicos de outros gêneros poéticos, retóricos e até prosaicos, *Prosopopeia* trata-se de um poema que de alguma forma está relacionado com o gênero épico. Ainda que seja uma ironia ou uma paródia das épicas mais famosas, não há como desvincular esse texto da épica.

Como tal, a estrutura do poema está relacionada com o paganismo que na cultura do Renascimento do século XVI tinha entrado na moda entre intelectuais e também entre pessoas fúteis e pedantes, para os quais as referências de elementos da Antiguidade, como o paganismo e a utilização dos gêneros da Poética, não passavam de puro "modismo", como afirmou Jakob



Burkhardt (2009, p.236) referindo-se ao contexto da Itália, mas sabe-se que a afirmação aplica-se também às demais nações europeias durante o século XVI.

Nomes particulares das divindades do panteão grego são frequentes, sobretudo, isso pode ser observado na estrofe XVI:

Tétis, que em ser formosa se recrea,  
traz das Ninfas o coro brando e doce:  
Clímene, Efire, Ópis, Panopea,  
com Béroe, Talia, Cimodoce;  
Drimo, Xanto, Licórias, Deiopea,  
Aretusa, Cidipe, Filodoce,  
com Eristea, Espio, Semideas,  
após as quais, cantando, vem Sereas.

Apesar da frequente referência aos deuses, no plural, e a divindades específicas mencionadas várias vezes, o politeísmo está na superfície do poema, enquanto o catolicismo contrarreformado é responsável pela ideologia que propõe os valores em torno dos quais a trama gravita, como se pode indicar pela gravidade do pecado de comer carne humana mesmo que numa situação de extrema necessidade – ato relacionado com o demoníaco – e a consequente vitória, após o triunfo do herói que se absteve do canibalismo e assim venceu a tentação. Fato que foi compreendido como uma providência divina oferecida ao valoroso herói.

Outrossim, relacionado com o catolicismo contrarreformado está o já mencionado “desejo de vitória sobre os luteranos”. Na época, o termo luterano era usado pejorativamente, para relacionar os protestantes, quer reformados, quer calvinistas, quer anglicanos à denominada ‘heresia luterana’. Na Península Ibérica a utilização generalizadora do termo luterano para se referir a todos os protestantes era ainda mais habitual e praticamente ignorava-se a existência de diferentes movimentos da Reforma.

Vejamos a passagem referida:

Vereis um sinil ânimo arriscado  
a trances e conflitos temerosos,  
e seu raro valor executado  
em corpos Luteranos vigorosos.  
Vereis seu Estandarte derribado



aos Católicos pés vitoriosos,  
vereis em fim o garbo e alto brio  
do famoso Albuquerque vosso Tio. (estrofe IV)

No contexto do século XVI, aquela que foi chamada pela posteridade de Guerra dos Trinta Anos foi considerada uma nova cruzada contra os hereges, por isso a imagem de cadáveres luteranos com estandartes derrubados aos pés de católicos é perfeitamente acomodada ao imaginário religioso, cuja legitimidade é dada pelo ensino jesuíta que nutre teologicamente a contrarreforma.

Em outro nível de profundidade estão as ideias religiosas relacionadas com o simbolismo que a trajetória do herói e seu triunfo inevitável tem no imaginário da cultura europeia desde a Antiguidade. Como os heróis épicos do Mundo Antigo e como os heróis das novelas e contos populares elaborados na Idade Média, também Jorge d'Albuquerque Coelho tem ao fim de sua longa e desafiadora jornada o sucesso garantido.

A própria ideia de jornada por si mesma é um lugar comum na cultura ocidental tipicamente utilizado pelas diversas religiões para representar a jornada da vida. Na narrativa do poema, a jornada é marítima e os desafios estão relacionados com esse tipo de ambiente, mas o resultado é o mesmo, o que significa que a história é um verniz sobre um símbolo que comumente constrói narrativas religiosas.

### 3. Crítica

Em seu artigo: *O canto de Proteu ou a corte na colônia em Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira (2008), Luz apresenta a crítica dirigida ao poema, ou, melhor dizendo daqui em diante, “poemeto” ou “epílio”, uma vez que em vista de uma obra do gênero épica como *Ilíada*, *Odisseia*, *Eneida* e *Lusíadas*, esse texto possui dimensão significativamente reduzida, o que torna aplicável a utilização dos referidos diminutivos para designar sua classificação.

O uso do diminutivo justifica-se mesmo sem fazer juízo quanto à qualidade do texto, pois Aristóteles afirmou que a épica é semelhante a um





animal que quando se enxerga a calda não se enxerga a cabeça e quando se enxerga a cabeça não se enxerga a calda. Essa metáfora que Aristóteles usa para explicar que as épicas são extensas em vista dos outros gêneros poéticos não se aplica à *Prosopopeia* que é modesta em suas dimensões, embora esteja de acordo com as descrições deste gênero no que diz respeito ao resto das características.

Figuram entre os julgamentos apresentados a respeito desse poemeto, a referência à sua falta de qualidade literária, falta de originalidade, dependência servil (em vista de sua matriz épica), mediocridade, bajulação e proposta clientelista. Com base em tais comentários, perpetuou-se o status de “protoliteratura” ao seu conteúdo e o título depreciativo de Sub-Camões ao seu autor.

Em contrapartida, sabemos que *Prosopopeia* pode ser considerada o marco inaugural da literatura brasileira, se considerarmos que Bento Teixeira seja brasileiro por adoção, pois é um “poeta português de assunto americano, ou um poeta brasileiro de forma europeia” (MUHAMA, p.153).

Além disso, a relação de Bento Teixeira com Camões está vinculada ao critério aristotélico de *mimesis* (*Poética* I), conforme o qual, a “imitação” [greg. *mimesis*] é o elemento constitutivo fundamental da poesia. Assim, a imitação coloca a *Prosopopeia* na sequência de obras de mesmo gênero e assim atesta sua qualidade, porque a originalidade como critério para avaliar a poesia surge apenas com o romantismo (sec. XVIII).

Seria anacrônico exigir que Bento Teixeira buscasse originalidade em seu poemeto. Por outro lado, se *Lusíadas* é o modelo de épica para os poetas de língua portuguesa, é óbvio que Bento Teixeira o imite indissimuladamente e que isso seja admirável para os leitores da época (LUZ, 2008, p.194).

Afirmar que o poemeto seja bajulador é outro anacronismo, pois na sociedade da corte é comum que as dedicatórias sejam dirigidas a pessoas de fama pública, pois esse é um critério de valorização dos indivíduos. Assim a análise do poema não pode ignorar o contexto político da época. Ainda mais se levarmos em conta que a própria *Lusíadas* narra os atos heroicos de Vasco da Gama e descreve o poderio do Império Português para alcançar favores da



família real de seu “herói épico” e da coroa portuguesa, e isso Luís Vaz de Camões conseguiu apenas parcialmente, pois foi ignorado pela família de Vasco da Gama, mas recebeu uma pensão vitalícia da coroa, como descreve Antônio de Salgado Júnior ao comentar *Lusíadas* (CAMÕES, 1963)

O epílio é exemplar de práticas letradas nas quais os personagens são reflexos da nobreza portuguesa do século XVI, que passa pela grave crise que se deu devido à anexação de Portugal a União Ibérica (1580-1640), quando o Reino de Portugal possuía ‘uma coroa sem cabeça’, ou seja, não tinha quem ocupasse seu trono.

Diante de tal situação, o poeta Bento Teixeira apresenta Jorge d’Albuquerque Coelho como herói excelente no plano militar, assim como os personagens principais da tradição épica, pois com base nele tornam-se plausíveis os argumentos em prol da dignidade do Império.

Desse modo, observaremos que, se buscarmos realizar uma análise do poemeto de acordo com os critérios de seu tempo, obteremos outra impressão a respeito do mesmo texto, pois nessa épica predominava como parâmetro para as análises, as regras estabelecidas por Aristóteles em suas duas obras: *Poética* e *Retórica*, como já mencionamos.

A Retórica “trata de uma arte da comunicação cotidiana, do discurso em público” (BARTHES, 1975, p.155), a qual visa a persuasão. Dentre os gêneros da Retórica estabelecidos por Aristóteles no Livro I de sua obra, a *Prosopopeia* é classificada como “epidíctico”. Esse é o gênero que se encarrega do louvor e da censura, evoca o passado e realiza conjectura sobre o futuro.

Esses critérios são claramente observáveis na *Prosopopeia*, pois as virtudes do governador Jorge Coelho d’Albuquerque são apresentadas em toda a narração do poemeto e seus valores são tomados como exemplo do passado, ocorridos na fundação da Nova Lusitânia para que sirvam para persuadir os leitores a seguirem seus valores, pois o herói “confia em Deus” em meio às tribulações marinhas; enquanto seus companheiros se perdem, ele tem a bravura de um conquistador e não se acovarda.

Diante dessa importância temporal para o gênero epidíctico, devemos nos lembrar de que há um artifício importante no modo como o poeta utiliza o



tempo no interior de sua composição poética, pois ele coloca na boca de Proteu uma espécie de profecia, uma previsão, mas que, na realidade, diz respeito a uma realidade passada, eventos que já aconteceram. Assim se realiza uma inversão no tempo, algo recorrente na literatura e na mitologia, conforme afirma o filólogo russo Mikhail Bakhtin:

A essência de tal inversão resume-se no seguinte: o pensamento mitológico e literário se localizam no passado, categorias como o objetivo, o ideal, a equidade, a perfeição, o estado harmônico do homem e da sociedade, etc. Os mitos do paraíso, da idade de ouro, da época heroica, da antiga verdade, as noções mais tardias sobre o estado da natureza, sobre os direitos naturais congênitos e etc., são as expressões dessa inversão histórica. Simplificando, pode-se dizer que se representa como se já tendo sido no passado aquilo que na realidade poderá ou deverá se realizar somente no futuro, aquilo que, em substância, apresenta-se como um objeto, um imperativo, mas de modo algum como realidade do passado (2010, p.264).

Além desse interessante efeito literário, também podemos apontar a rusticidade da linguagem, unida a utilização da sintaxe latina, como artifícios poético-retóricos – portanto, literários – apesar disso, esses elementos não foram devidamente avaliados, ao invés disso, foram alvo de muitas críticas. A linguagem rústica é uma atitude deliberada que visa apresentar o poeta (ou, em vista da análise retórica, o orador) como um homem frugal diante de um auditório refinado. Pensar no rústico como artifício se encaixa bem com a modéstia do rascunho proposto no prólogo e no exercício confesso no epílogo.

Erich Auerbach (2010), filólogo judeu-germânico, também utiliza o conceito de “mímesis” para mostrar o desenvolvimento da literatura mundial [alem. *Weltliteratur*], demonstra assim que ao longo da história também se muda o modo como o homem se descreve na literatura.

Dessa maneira, nota-se que há uma tensão no desenvolvimento da literatura porque ao mesmo tempo que mímesis – nesse sentido: memória, reprodução etc – há também renovação dos contextos histórico-sociais que levam à diferenças no que se refere ao autoconhecimento que o homem tem de si e de sua representação na literatura. De acordo com essa ideia, num poema em que o grande triunfo do herói é não comer carne humana numa condição de extrema carestia graças ao desastre marinho ocorrido.



De acordo com essa situação, a visão da realidade construída no texto é decadente. Se a forma e o conteúdo juntos são fundamentais para expressar o sentido de um texto fictício, temos, nesse caso, um claro exemplo de literatura baixa. Caso isso se confirme, poderemos afirmar que a exaltação da “Nova Lusitânia” é pura ironia.

Se realmente for o caso de que a linguagem rústica, a pequena extensão e o triunfo incomum do herói indiquem para um epílio irônico, ao invés de uma tentativa mal sucedida de elaboração de uma epopeia, então o epílio poderá ser compreendido como possuído pelo “sério-cômico”.

Na terminologia de Bakhtin (2010), sério-cômico é um termo guarda-chuva que cobre todos os gêneros baixos da antiguidade e do medievo que não se classificam estritamente em nenhum dos gêneros altos da *Poética* de Aristóteles (épica, lírica e drama). Segundo o estudioso russo, embora esses gêneros tenham sido marginalizados pelo bom gosto literário europeu, foram eles os responsáveis pelo surgimento da literatura, principalmente graças a sua característica ironia e declarado rebaixamento.

No caso da *Prosopopeia* de Bento Teixeira, por muitos indícios internos e externos, a constituição da obra parece ser o caso de uma proposital construção paródica, ora irônica, ora sarcástica e desde o começo baixa. Afinal de contas, conforme o subtítulo do artigo elaborado por Adma Fadul Muhama (2005), trata-se de uma “epopeia de derrotas”, expressão paradoxal por si mesma, portanto expressiva e conseqüentemente literária e também possível de ser interpretada como uma ironia que beira o escárnio.

Assim, a pergunta latente sobre a classificação do texto entre a protoliteratura e a paródia não precisa ser respondida com a afirmação de apenas uma das duas possibilidades, pois de acordo com os critérios aqui apresentados a protoliteratura (gêneros sério-cômicos) é o elemento fundamental para o desenvolvimento da *Weltliteratur*.

## Conclusão

Nossa leitura da *Prosopopeia* de Bento Teixeira apresentou uma crítica



à visão estereotipada que se tinha sobre essa obra, pois destacamos, em primeiro lugar, a leitura tradicional que os críticos fazem de seu conteúdo, a estruturação, a contextualização e a análise poética.

Depois disso, ao relacionarmos seu conteúdo formal e estrutural com critérios literários advindos das teorias de Auerbach e Bakhtin, os quais se diferenciam significativamente dos critérios canonistas predominantes na crítica literária que foi predominantemente utilizada para sua interpretação desse texto até então.

Apontamos também que apesar dos aspectos religiosos advindos da Antiguidade pagã que estão contidos na *Prosopopeia*, que são características nas obras escritas durante o Renascimento; na verdade, elementos da religião cristã são latentes no texto, e representam melhor a ideologia do autor.

Segundo a leitura que realizamos, a partir desses dois filólogos, os mesmos elementos que levaram essa obra a ter seu valor literário reduzido – a saber, a modéstia do poeta que se enuncia no poema, seu tamanho reduzido, sua pobreza literária e sua linguagem rústica – podem servir para levar esse mesmo texto a ser considerado como importante expressão literária de gênero “sério-cômico”, nas palavras de Bakhtin, ou de portador de “mímesis” da *Weltliteratur*, segundo Erich Auerbach.

De qualquer modo, para realizar as observações críticas sobre a *Prosopopeia*, baseamo-nos no seu conteúdo interno e em indícios interpretativos extraídos de leituras tradicionais dessa obra. Como mencionamos, trata-se dos artigos de Muhama e Luz.

Entendemos que *Prosopopeia* deve ser lida à luz de suas próprias características histórico-literárias e formais, e não pode ser colocada à sombra da obra de Luís Vaz de Camões, pois o brilho de *Lusíadas* não pode servir para ofuscar as demais obras literárias de língua portuguesa ainda mais se, como dissemos, seu conteúdo é irônico e, na verdade, propõe-se a ser uma paródia da epopeia de Camões.

## Referências

ARISTÓTELES. *Poética* In: *Poética Clássica* – 7ª Edição. Tradução: Jaime



Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 2005, pp. 19-52.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhause Alberto e Abel do Nascimento Pena. Coleção: Obras Completas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. Estudos; 1. Trad. Vários. São Paulo: Perspectiva: 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de Literatura e de Estética*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTHES, Roland. *A Retórica Antiga*. In: COHEN, Jean et alli. *Pesquisas de Retórica*. Coleção: Novas Perspectivas em comunicação, nº 10. Tradução: Leda Pinto Mafra Iruzan. Petrópolis: Vozes, 1975.

BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENTO TEIXEIRA. *Prosopopeia*. Disponível online: <<[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/prosopopeia--0/html/ffc951fc-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_1.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/prosopopeia--0/html/ffc951fc-82b1-11df-acc7-002185ce6064_1.html)>> Pesquisa realizada no dia 21 de janeiro de 2022.

CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*: Em um volume. Organização, introdução, comentários e anotações de Antônio Salgado Júnior. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963.

LUZ, Guilherme Amaral. O canto de Proteu ou a corte na colônia em Prosopopéia (1601), de Bento Teixeira. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v.25, p. 193-215, 2008.

MUHANA, Adma Fadul. A Prosopopeia de Bento Teixeira: epopéia de derrotas. In: FERNANDES, Annie Gisele; OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). *Literatura portuguesa: aquém-mar*. Campinas: Komedi, 2005.